

# ELEMENTOS SOBRE A VIA ROMANA DA JEIRA

Amaro Carvalho da Silva

---

Texto publicado na revista *Mínia* – Braga, 3.ª série, n.º 5, 1997, págs. 45-158.

---

## APRESENTAÇÃO

*Pela Geira, em calma deambulação...*

Na verdade, a pesquisa efectuada ao longo de vários anos por Amaro Carvalho da Silva, cujo fruto aqui se apresenta em síntese, constitui calma deambulação pela Geira.

Em comunhão íntima com a serenidade do ambiente.

Imaginando ouvir, a espaços - diríamos - o aproximar galopante de cavalos em busca da primeira *mutatio*...

Parando, a cada dobra, para decifrar mensagem de miliário sobrevivente.

Vendo tudo, até ao pormenor mais insignificante - para, depois, se comparar com os livros, os manuscritos, as tradições... «Olá, vizinho, e isto aqui como se chama?»

Um dia, que se espera bem próximo, os «especialistas» vão debruçar-se criticamente sobre o fecundo manancial miudamente reunido. E darão graças por terem, assim, tarefa facilitada.

Admira como, até hoje, a Geira - eterno alvo das atenções de passantes, investigadores e comunidades - não tenha logrado obter o estatuto que a sua história, a sua beleza, o seu rico espólio plenamente justificariam. Caso ímpar no mundo romano, detém a maior concentração de miliários que se conhece. Mas, por um motivo ou por outro, tem-se adiado o que obviamente se impõe como inadiável.

Doravante, com este escrínio nas mãos, ninguém mais poderá aduzir razões para não dar à Geira o lugar de destaque que indiscutivelmente lhe cabe no panorama da História Antiga peninsular.

Amaro da Silva lança o repto aqui; urge agarrá-lo já, com ambas as mãos.

**José d'Encarnação**

# 1 - Introdução

I Com o presente estudo pretendemos contribuir para uma monografia o mais completa e actualizada possível da via imperial romana «Bracara Asturicam Tertia», também designada «Via XVIII do *Itinerário* de Antonino» ou «Via Nova», em todo o seu percurso no território português. Popularmente, entre Amares e a Galiza, esta via é designada por «Jeira».<sup>1</sup>

Uma vez que a parte substancial do levantamento arqueológico da estrada romana da Jeira, entre as milhas XXIX (S. João do Campo) e XXXIV (Portela do Homem), já foi realizado, o presente estudo restringir-se-á à análise da Jeira entre as milhas I (Braga) e XXIX (S. João do Campo). De facto, várias campanhas arqueológicas (1978 - 1992) já foram feitas, entre as milhas XXIX e XXXIV, na área do Parque Nacional Peneda-Gerês, sob a orientação dos arqueólogos António Martinho Baptista (Parque Nacional Peneda-Gerês) e Francisco Sande Lemos (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho). Pelo que nos diz respeito, pretendemos contribuir para um conhecimento mínimo e actualizado da Jeira em toda a sua extensão em território português.

É urgente um inventário exaustivo e actualizado de todos os materiais arqueológicos e históricos da Jeira, de modo a podermos lidar com um objecto histórico-cultural devidamente definido e que está em processo de classificação como património de interesse nacional e da humanidade. Sem esse inventário, não se torna objectivo nem fundamentado qualquer discurso ou qualquer acção de salvaguarda e preservação de tão importante via.

II Neste trabalho foi nossa intenção fazer uma abordagem histórica e cultural da Jeira o mais abrangente possível. Entendemos que a Jeira, via em trânsito até ao momento actual, deverá ser vista em toda a sua extensão histórica e não apenas na sua dimensão romana. Deste modo, consagramos o seguinte esquema:

- 1 - A importância da Jeira como via estratégica de circulação e de defesa
  - 1.1 - Período romano
  - 1.2 - Período medieval
  - 1.3 - Período moderno e contemporâneo
- 2 - O percurso da Jeira entre as milhas I e XXIX
  - 2.1 - O espólio arqueológico - os miliários
  - 2.2 - Inventário dos miliários
- 3 - Anexos
  - 3.1 - Documento (1783) relativo à manutenção da Jeira
  - 3.2 - Extractos do *Diário* (1911) do padre Martins Capela
  - 3.3 - Bibliografia específica

No 1.º capítulo pretendemos abrir horizontes de apreciação da Jeira a partir da sua matriz romana.

No 2.º capítulo, simples levantamento de materiais e questões, quisemos descrever a Jeira, milha a milha, no percurso I - XXIX. É uma viagem recheada de elementos histórico-culturais e de interrogações. Neste 2.º capítulo, são os miliários os elementos mais destacados. Por questões de espaço, vamos ser muito sintéticos no desdobramento e tradução dos textos epigráficos, apenas consagrando maior atenção aos materiais inéditos ou aos que nos mereçam alguns reparos. Sem dúvida que a fotografia e o decalque são elementos a incorporar para uma melhor e mais fácil apreciação dos materiais.

As fotografias, os desenhos e a cartografia dos miliários e do percurso da Jeira são da nossa inteira responsabilidade. Assumimos todos os eventuais erros.

Quanto aos anexos, foi nossa intenção reunir elementos que pudessem documentar e especificar alguns pontos em análise no corpo do trabalho. Assim, o documento de 1783, transcrito na íntegra e na ortografia da época, revela-nos as diligências de alguns para a manutenção da Jeira e os atropelos de outros para a sua ruína. São documentos deste género

---

<sup>1</sup> Em consonância com o Dr. Fernando António da Silva Cosme, autor de um trabalho toponímico sobre a Jeira, a publicar no próximo número da revista *Bracara Augusta*, será adoptada a grafia "Jeira" e não "Geira". Preferimos consagrar o sentido de "jeira" como «jornada de trabalho» a "geira" como «giro» ou voltinha.

que nos mostram a vitalidade da Jeira e o serviço que prestou às populações. No que diz respeito aos extractos do *Diário* do Padre Martins Capela, julgamos estar a contribuir para a divulgação de um documento de primordial importância que merecia ser publicado na íntegra, prestar uma singela homenagem a um dos mais cotados estudiosos da Jeira e mostrar como a Jeira esteve ligada à consolidação do regime republicano.

**III** O presente trabalho não é de arqueólogo nem de historiador, mas de alguém que tem andado entretido com algumas questões do património cultural do concelho de Terras de Bouro. Não se espere mais do que um levantamento superficial de uma parte do importante monumento histórico e cultural que é a Jeira. Simples levantamento para chamar a atenção e para incentivar instituições, especialistas e políticos a prosseguirem na urgente tarefa de estudo e preservação de tão importante património. Sem meios e sem Sanchos Panças, este trabalho resulta de uma grande persistência e de um certo atrevimento.<sup>2</sup> Digamos que em todo este trabalho há um conforto ético e um comprazimento estético. Transparência e recusa da indiferença no plano ético, criatividade e alegria no plano estético.

Aqui se expõem leituras, materiais e documentos recolhidos desde o início dos anos 80. Com a passagem do tempo, tudo foi ganhando contornos e vontade própria.

Para a realização deste trabalho nem uma pedra foi deslocada, nem uma pá de terra foi movimentada. Apenas se registou o que está ao alcance da inteligência de qualquer um. Aliás, não é necessária uma grande preparação técnica para se fazer o levantamento da Jeira: basta estar atento, lidar com sensibilidade com os materiais expostos, ter a proporção das coisas e querer assumir-se como um cidadão com intervenção cultural. A partir deste levantamento superficial, os especialistas terão um árduo trabalho a desenvolver: escavações arqueológicas, leitura minuciosa e comentário histórico dos textos epigráficos, conservação do espólio arqueológico e resolução dos mais diversos problemas relacionados com o percurso da Jeira. Assim, o presente trabalho é mais de inventariação cultural que de análise histórico-arqueológica. E porque não é de especialista nem partiu de uma prospecção arqueológica consequente e laboriosa, alguns dos seus pontos poderão ser muito controversos: traçado da Jeira nos troços mais duvidosos, medição e localização das milhas, localização da *mutatio* Salaniana, pontes e/ou passagens a vau, vias secundárias e/ou ramais, percursos duplos ou alternativos, existência de pedreiras e calçadas, muros de suporte, etc.

Entre as milhas I e XXIX, pelo seu valor documental e manifestação visual, os miliários serão o principal tema. Contando com os anepígrafos, alguns destruídos e os fragmentos, entre as milhas I e XXVIII inclusive, inventariámos 51 miliários existentes. É digno de nota referir-se que entre as milhas XII e XXIX existe sempre um miliário, pelo menos, representando cada uma dessas milhas e, à excepção das milhas XII e XIII, situado(s) no leito da Jeira. Desses 51, 35 já eram conhecidos, mas 16 são inéditos. Também inventariámos 17 desaparecidos<sup>3</sup> e 6 destruídos.

**IV** Embora estas notas tenham resultado de uma teimosia solitária, qual D. Quixote sem escudeiro ou Indiana Jones sem fulgor nem paixão, cometeríamos um grave erro se não referíssemos a colaboração empenhada, embora ocasional, de alguns familiares e amigos. Ao Senhor Professor José d'Encarnação, da Universidade de Coimbra, o nosso maior especialista no domínio da epigrafia latina, um especial agradecimento pela confiança que nos transmitiu e pelo contributo imprescindível que nos deu. Por sua vez, queremos agradecer ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, que sempre se mostrou disponível e nos facultou todos os elementos em seu poder. Também aqui agradecemos à Câmara Municipal de Amares, na pessoa do Sr. Martinho Antunes, toda a colaboração prestada.

**V** A via imperial «Bracara Asturicam Tertia» (Jeira) é, hoje, um dos mais importantes percursos conhecidos da viação romana. A definição e preservação do seu traçado, a sua

---

<sup>2</sup> O «Cântico Negro» de José Régio é um poema que dá alento e força a quem é rebelde...

<sup>3</sup> Neste número não incluímos os que vieram para Braga no início do século XVI e que poderão, de momento, considerar-se não identificados.

utilização até aos dias de hoje, o elevadíssimo número de miliários existentes,<sup>4</sup> as pontes, as edificações de apoio ao *cursus publicus*, as pedreiras, as calçadas, os muros de suporte e todo um conjunto de elementos arqueológicos na sua envolvente (sítio arqueológico da veiga de S. João do Campo, Calcedónia, Castelo de Covide/Bouro, etc.) fazem dessa via um monumento único, que é obrigatório estudar e preservar nas melhores condições.

A Jeira sempre teve majestade e vitalidade. Serviu as intrépidas legiões romanas para conquistarem e civilizarem os povos autóctones, esteve ao serviço da difusão do Cristianismo, prestou um inestimável serviço à consolidação da nacionalidade portuguesa e defesa das suas fronteiras e tem servido todas as populações limítrofes ao longo de cerca de dois mil anos. É digna de nota esta vitalidade e esta persistência.

E que dizer da paisagem natural e humana que rodeia a Jeira!? Para quem lá vive é um «atraso de vida», para quem lá passa é um deslumbramento. Todo o ambiente da Jeira pode ser considerado como objecto de estudo para antropólogos, etnógrafos, historiadores, naturalistas, ecologistas, paisagistas e amantes das Belas Artes. Esta é uma mais-valia para a dignificação, estudo e preservação da Jeira. A cultura só o é se for envolvente e inebriante.

**VI** A estrada da Jeira perpetuou-se ao longo dos séculos não só devido à sua importância estratégica e à zona montanhosa e agreste por onde passa como também devido ao afastamento dos grandes centros urbanos e ao atraso sócio-económico das populações residentes nos seus limites. Se a importância estratégica, a zona montanhosa e o afastamento dos grandes centros são razões compreensíveis, não se tolerará, de agora para o futuro, que a Jeira se mantenha à custa do subdesenvolvimento das populações locais. Se a Jeira encerra um valor ímpar, as populações limítrofes terão de ser encaradas como as guardiãs de tão importante riqueza. Se não conheceram a Reforma no tempo oportuno, que essa Reforma surja agora com um valor acrescido. A Jeira não pode ser sinal de atraso, mas de desenvolvimento e modernidade; sim, de abertura ao universo infinito das culturas e das civilizações.

Também deve dizer-se que alguns miliários ou seus fragmentos, ainda não identificados, se encontram, hoje, espalhados pelas povoações próximas da Jeira e utilizados para os mais diversos fins. Exemplo disso são os miliários ultimamente recolhidos pela Câmara Municipal de Terras de Bouro.

**VII** Se os Romanos não tivessem a ideia de abrir esta via pelas terras do Entre Homem e Cávado, o seu isolamento seria ainda maior. Há obras que determinam o curso da História. De facto, a Jeira sempre foi elemento de dinamização de uma cultura e de afirmação de uma ideia de cidadania. Isto poderá ver-se no presumível significado de «Jeira».

A origem etimológica do termo «jeira» - ou «geira» - talvez nos elucide acerca dos trabalhos e canseiras de construção, reparação e manutenção desta via estratégica. Segundo vários autores,<sup>5</sup> «jeira» deverá significar o trabalho de jorna ou com jugo: «terreno que uma junta de bois lavra num dia». Diz Ramon Barros Sibelo na sua *Memoria Descriptiva*: «Geira ó Xeira en la raya y en el interior de Galicia, significa la porcion de tierra que el braceno puede trabajar en un dia. Esto nos dá á conocer á la vez, que la esplanacion fué abierta por los pueblos vajo el sistema que hoy llamamos de peonadas.»<sup>6</sup> Quer isto dizer que, ao longo dos séculos, a Jeira foi conservada pelos povos residentes nos seus limites. Através de posturas e regulamentos diversos, as populações assumiram a responsabilidade da sua conservação e manutenção. Por outro lado, certos autores referem-se à extensão de uma via ou à distância entre povoações medidas em jornadas, jeiras ou dias de marcha. Estariam todas as populações limítrofes da «Jeira» obrigadas à defesa da fronteira da Portela do Homem desde

---

<sup>4</sup> Em território português conhecem-se, actualmente, cerca de 138 miliários. Só no percurso já estudado entre as milhas XXIX e XXXIV, inventariaram-se 87: 13 na milha XXIX, 2 na XXX, 21 na XXXI, 22 na XXXII, 20 na XXXIII e 9 na XXXIV.

<sup>5</sup> Augusto Moreno (1961), *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*; Raphael Bluteau (1713), *Vocabulario Portuguez e Latino*; Francisco Torrinha (1945), *Dicionário Latino-Português*; José Leite de Vasconcelos; Cândido de Figueiredo.

<sup>6</sup> Ramon Barros Sibelo, *Memoria Descriptiva de la Tercera Via Militar Romana que del Convento Juridico de Braga yva al de Astorga*, Orense, 1861, pp. 3-4.

que a sua distância a essa fronteira não fosse superior a uma jeira ou a um dia de viagem? Isto parece estar presente em certas obrigações medievais: «A par de herdades a que era imposta a mobilização de um cavaleiro para o fossado (cavalarias), casais de peões existiam só obrigados à defesa regional, até meio-dia ou um dia de marcha.»<sup>7</sup>

E para mais elaboradas e criteriosas explanações etimológicas e toponímicas, consulte-se, conforme fica referido na nota 1, o trabalho de investigação do Dr. Fernando António da Silva Cosme. Mas a investigação deste geresiano, natural de Covide (Terras de Bouro), não se limita à Jeira, alarga-se a toda a Serra do Gerês e concelho de Terras de Bouro. Ficamos à espera de uma obra de referência.

**VIII** Pela sua importância, pela grande variedade de materiais arqueológicos e pelo seu estado de conservação, entendemos que a Jeira deverá ser classificada como património da humanidade. Mas, em território português, qual o troço que melhor se poderá indicar para classificação? Pela facilidade de afectação dos terrenos por onde passa, pela simplicidade em definirmos o seu traçado e pela atribuição do nome «Jeira», julgamos que se deverá classificar o percurso entre Paredes Secas (Amares) - milha XII - e Portela do Homem (Terras de Bouro) - milha XXXIV. Liberta de áreas de cultivo e de habitações, à excepção de pequenos troços em Covide e S. João do Campo, temos uma via que se apresenta nas melhores condições. Mas é a Jeira no seu todo - pré-romano (Calcedónia, insculpturas em penedos, antas, etc.), romano (traçado, edificações do *cursus publicus*, miliários, pedreiras, calçadas, pontes, muros de suporte, etc.), medieval (sítio arqueológico da veiga de S. João do Campo, Castelo de Covide/Bouro, Ponte do Porto, etc.) e moderno (trincheiras de defesa da Portela do Homem e Fábrica de Vidros de Vilarinho das Furnas) - e não apenas os miliários que deverão ser classificados. Os miliários da «série Capela» já foram classificados como monumento nacional por decreto de 16/6/1910.<sup>8</sup> O *todo* da Jeira indica uma totalidade histórica orgânica e não fraccionada. Se se pretende universalizar a Jeira na sua classificação como património da humanidade, é lógico que a sua universalidade histórica interna também tenha de ser consagrada. Não devem os romanistas sobrepor-se aos medievalistas e/ou modernos. A evidente monumentalidade romana da Jeira não deve ofuscar os outros períodos históricos. Se se pretende que ela seja património da humanidade, que seja encarada de uma forma plural, dinâmica e aberta e não reducionista. Seria bom que estudiosos de todas as épocas convivessem e convergissem. O verdadeiro carácter universalista da Jeira também consiste nesta abertura histórica.

Ultimamente, têm-se produzido afirmações, realizado acções e divulgado textos de apoio à classificação da Jeira como património nacional e da humanidade. Podemos citar o colóquio «A rede viária da Callaecia», realizado na Universidade do Minho (17 e 18/11/1995), na sequência da comemoração do 1.º centenário da edição dos *Milliarios* do Padre Martins Capela; as declarações da Ministra do Ambiente, do Presidente da Câmara de Terras de Bouro e do Director do Parque Nacional Peneda-Gerês;<sup>9</sup> a candidatura da Jeira (milhas XXIX-XXXIV) a património nacional e a abertura, a 2/10/1996, do seu processo de classificação como Monumento Nacional pelo IPPAR; os trabalhos de investigação em curso e textos diversos.<sup>10</sup> Por volta de 1989, desenvolveu-se uma campanha de limpeza da Jeira e recolha e levantamento de alguns miliários entre as milhas XVI e XXIV. Foi uma campanha desenvolvida pela Câmara de Terras de Bouro, que contou com funcionários municipais e jovens integrados no programa Ocupação dos Tempos Livres.

**IX** O que muitos, hoje, se propõem fazer quanto ao estudo, preservação e classificação da Jeira, outros já, no passado, com circunstâncias e meios bem diferentes, fizeram também. Refiram-se as campanhas de estudo, levantamento de miliários e salvaguarda da Jeira

---

<sup>7</sup> Augusto B. Costa Veiga, *Estudos de História Militar Portuguesa*, vol. I, 1936, p. VII.

<sup>8</sup> Ver *Diário do Governo*, n.º 136, 23/6/1910, pp. 2163-2166.

<sup>9</sup> Ver *Geresão* de 20/3/1997.

<sup>10</sup> Ver António Martinho Baptista *et alii* - *A Via XVIII do Itinerário de Antonino na Serra do Gerês - Xurés - Roteiro Arqueológico*, Edição do Instituto da Conservação da Natureza - Parque Nacional da Peneda-Gerês - Parque Natural da Baixa Limia-Serra do Xurés, Braga, Dez. 1995.

aquando das acções dos arcebispos de Braga D. Diogo de Sousa (1506) e D. Rodrigo de Moura Teles (1725), da redacção e divulgação do *Thesouro de Braga descoberto no Campo do Gerez* (1728) do padre Matos Ferreira, das *Memórias Paroquiais* (1758) e dos *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal* (1895) do padre Martins Capela. Nessas alturas, os meios utilizados foram muito rudimentares e os resultados alcançados bastante precários. Hoje, com que meios e propósitos iremos trabalhar? Que resultados esperamos alcançar? Fazemos votos para que, desta vez, o trabalho não fique a meio e a conservação dos materiais arqueológicos seja uma prioridade.

A preservação da Jeira não se deverá resumir à tarefa de desenterrar pedras e cacos. Tarefa mais difícil e ingrata é conservar nas melhores condições o espólio arqueológico já levantado ou que venha a ser levantado. É difícil ultrapassar-se a conservação no interior da terra. Aliás, se não se encontrar um processo de conservação aceitável do espólio arqueológico da Jeira, sobretudo dos documentos epigráficos, seria preferível voltar a enterrá-lo a deixá-lo exposto ao tempo, aos líquenes e aos interesses, preconceitos e manias dos homens. Julgo que os miliários desenterrados pelos padres Matos Ferreira e Martins Capela se desgastaram mais nestes 250-150 anos que durante o período de tempo que estiveram enterrados. Muitos dos miliários da Jeira estão partidos, mal posicionados e têm sofrido os mais diversos ataques. Será possível um museu do miliário?

As campanhas arqueológicas (1978 - 1992) patrocinadas pelo Parque Nacional Peneda-Gerês e pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, entre as milhas XXIX e XXXIV, marcam o início de uma nova forma de encarar a Jeira? Esperamos que os problemas em torno da polémica do Parque Nacional Peneda-Gerês e das escavações na veiga de S. João do Campo não prenunciem atitudes antagónicas que ponham em causa um projecto de grande mérito e maior alcance.<sup>11</sup>

Damaia, Dezembro de 1997

---

**OBS. – Consulte-se na revista *Mínia – Braga* (3.<sup>a</sup> série, n.º 5, 1997, págs. 45-158) o corpo deste trabalho.**

---

---

<sup>11</sup> Nunca é de mais referir o caso do "rpto" de uma parte do espólio literário do padre Martins Capela. O padre Adelino Afonso Salgado (Chamoim - Terras de Bouro) é o principal artífice deste "rpto". Não se compreende que essa parte do espólio de Martins Capela continue mal acondicionada, sujeita a extravio e sem possibilidades de consulta. São "rptos" deste género que indiciam comportamentos que em muito poderão prejudicar qualquer tentativa racional de salvaguarda do património. Quando a irracionalidade, a prepotência e o caciquismo imperam, tudo de perverso pode acontecer. Para um pequeno conhecimento desta historieta camiliana, consulte-se o nosso artigo «Ciências Ocultas» publicado no *Notícias do Minho*, Braga, 5/8/1995, pp. 13-16.